

## O Centro de Cultura Social e suas práticas de ação cultural<sup>1</sup>

LUCIA SILVA PARRA\*

### Apresentação

O Centro de Cultura Social (CCS) foi fundado em janeiro de 1933, em São Paulo, por um grupo de anarquistas. Foi, provavelmente, o primeiro centro de cultura da cidade de São Paulo, sendo herdeiro de tradições do movimento anarco-sindicalista que remontam ao início do século XX. O movimento anarquista sempre valorizou a emancipação dos trabalhadores através do sindicalismo bem como da educação e da cultura. A trajetória do Centro de Cultura Social se entrelaça com a história do movimento anarquista na cidade de São Paulo, foi fechado em 1937, com o Estado Novo, reaberto em 1945 e permaneceu em atividade até 1969, quando, após a repressão que se seguiu à promulgação do Ato Institucional n.5, seus membros decidiram encerrar suas atividades. O Centro de Cultura foi novamente aberto em 1985 e permanece em atividade até os dias de hoje.

Pretende-se aqui analisar sua trajetória e suas ações e situar essa iniciativa no contexto da literatura sobre a teoria da ação cultural que afirmava que os centros de cultura surgiram em São Paulo a partir da década de 80, com a fundação do Centro Cultural São Paulo (Vergueiro) e do Centro Cultural Jabaquara, inspirados no exemplo francês do Centre Pompidou. No entanto, o Centro de Cultura Social foi fundado na década e 30 em São Paulo e sempre apresentou, entre suas características, elementos que configuram um centro de cultura para a teoria da ação cultural. Como veremos, sempre esteve presente em suas práticas a ação cultural.

Como fontes foram usados prontuários do Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo (DEOPS/SP) que atualmente encontram-se sob a guarda do Arquivo do Estado de São Paulo (AESP). Estes documentos possibilitaram o acesso

---

<sup>1</sup> Este texto resulta de pesquisa elaborada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Christina Barbosa de Almeida.

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Bibliotecária do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

a informações sobre o Centro de Cultura Social e também sobre antigos militantes anarquistas vigiados pela polícia política.

## **1. A trajetória do Centro de Cultura Social (CCS)**

### **1.1 Primeira fase: de 1933 a 1937**

Na primeira fase do Centro de Cultura Social eram realizadas palestras com temas como ensino em escolas proletárias, sindicalismo, Revolução Espanhola, fascismo, religião e emancipação da mulher.

Na década de 30, momento de fundação do Centro de Cultura Social, o Departamento de Cultura e Recreação (1935), dirigido por Mário de Andrade e administrado por Sérgio Milliet e Rubens Borba de Moraes tinha como um de seus objetivos possibilitar o acesso da população à informação. Segundo Milanesi:

*Mário de Andrade e sua equipe propunham bibliotecas/casas de cultura, oferecendo nela todas as possibilidades de acesso ao conhecimento. Os operários, aos quais elas se destinavam, teriam parte na própria administração dos programas. Este perfil não sobreviveu ao Estado Novo e aos novos rumos dados pela Prefeitura de São Paulo à iniciativa de Mário de Andrade. Essa biblioteca era mais uma das “loucuras dos meninos de 22” e só voltou a ser discutida décadas depois. (MILANESI, 2003: 99)*

Embora não haja provas de que membros do Departamento de Cultura conhecessem o CCS, este modelo de casa de cultura apresenta convergências com o projeto do Centro de Cultura Social, cuja programação também era organizada com a participação dos operários. Os intelectuais à frente do Departamento de Cultura podem não ter tido contato direto com o Centro de Cultura Social, no entanto, provavelmente tinham conhecimento de iniciativas libertárias<sup>2</sup> semelhantes.

Isto pode ser observado em reuniões no Salão das Classes Laboriosas e no Clube dos Artistas Modernos. O Salão das Classes Laboriosas foi fundado em 1891 por um

---

<sup>2</sup> O termo *libertário* será usado aqui como sinônimo de anarquista. Ver BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 5. ed. São Paulo: IMESP, 2004. v.1 p. 23. [...] Anarquismo significou, portanto, a libertação de todo o poder superior, fosse ele de ordem ideológica (religião, doutrinas, políticas, etc), fosse de ordem política (estrutura administrativa hierarquizada), de ordem econômica (propriedade dos meios de produção), de ordem social (integração numa classe ou num grupo determinado), ou até de ordem jurídica (lei). A estes motivos se junta o impulso geral para a liberdade. Daí provém o rótulo de libertarismo, atribuído ao movimento, e de libertário, empregado para designar o que adere ao libertarismo.

grupo de carpinteiros e pedreiros, tinha por objetivo garantir assistência médica às suas famílias. A partir de 1907, espetáculos teatrais, saraus e apresentações musicais passaram a fazer parte da programação da instituição. Na época, foi encenada a peça “Il Primo Maggio” de Pietro Gori, também apresentada no Centro de Cultura Social. A programação do Salão das Classes Laboriosas era divulgada pelo jornal anarquista *A Lanterna* (SALÃO DAS CLASSES LABORIOSAS, c2010).

Em 1932 foi inaugurado o Clube dos Artistas Modernos (CAM) por Flávio de Carvalho, Gomide e Carlos Prado. Esta instituição foi acusada de fazer propaganda comunista. Em 1933, Tarsila do Amaral proferiu uma palestra sobre “arte proletária”. De acordo com Oliveira (ANDREUCCI; OLIVEIRA, 2002: 128), em uma reunião do CAM, “filhos de anarquistas teriam declamado poemas e cantado hinos como *A Internacional*, o *Hino da Revolução Social da Espanha* e o *Hino dos Trabalhadores*”. O Clube dos Artistas Modernos, assim como o Salão das Classes Laboriosas eram instituições que reuniam atividades culturais sem deixar de ter um viés político.

Algumas informações sobre as atividades realizadas pelo Centro de Cultura Social desde 1933 podem ser recuperadas pela ótica do DEOPS-SP. Agentes policiais infiltravam-se entre os militantes anarquistas e assistiam a palestras realizadas no Centro de Cultura Social. Deste modo, conseguiam informações para relatórios policiais com detalhes sobre os organizadores, frequentadores e as atividades do CCS. Para “provar crimes de subversão”, os agentes policiais anexavam ao prontuário do CCS (PRONTUÁRIO 1914. Centro de Cultura Social. DEOPS/SP. AESP) panfletos com divulgação de palestras.

Em um dos panfletos encontramos a divulgação de conferências sobre o Pacto de Latrão, que seriam ministradas pelos anarquistas Florentino de Carvalho, Bixio Picciotti e Francisco Cianci (Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. doc. 3, fl. 5. DEOPS/SP. AESP).

Em outro panfleto era divulgada a palestra a ser proferida pela escritora argentina Concepción Fernandez sobre a música como fator de aproximação dos povos (Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. doc. 2, fl. 4. DEOPS/SP. AESP). A presença das mulheres como conferencistas no Centro de Cultura Social era frequente, como pudemos constatar em outros panfletos. Para ilustrar, podemos citar a notícia de uma conferência a ser proferida pela Sra. Luisa

Pessanha Branco sobre “assuntos sociais e de atualidade” (Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. doc. 8, fl. 10. DEOPS/SP. AESP). Foi localizado, também, um panfleto de divulgação de uma palestra de Isabel Cerrutti, a respeito do papel da mulher no sindicalismo (Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. doc. 4, fl. 6. DEOPS/SP. AESP).

Uma das formas de distribuição destes panfletos era lançá-los em locais de concentração pública, como consta na anotação policial em documento que anunciava uma palestra sobre a doutrina da revolução: “Lançado da platéia do Teatro Municipal ao povo” (Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. doc. 7, fl. 9. DEOPS/SP. AESP). Segundo Endrica Geraldo, existia um Grupo Teatral do Centro de Cultura, que fazia apresentações em festivais. Este grupo de teatro era composto por militantes anarquistas e simpatizantes (GERALDO, 1998: 168).

No que se refere ao público frequentador do Centro de Cultura Social, na década de 30, sabemos, através dos panfletos, que era constituído por: trabalhadores em geral, anarquistas militantes e simpatizantes. Era também frequentado por artistas e intelectuais, como Tarsila do Amaral e Ozório César, conforme observado pelo investigador de polícia Guarany, em informe reservado (Informe reservado do investigador Guarany, Gabinete de Investigações, São Paulo, s/d. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. doc. 13, fl. 15. DEOPS/SP. AESP). As atividades do Centro de Cultura Social e de seus membros eram constantemente controladas pela polícia política. Praticamente todos os conferencistas foram vigiados pelas autoridades: contavam com extensa ficha policial, sendo que muitos dos estrangeiros foram expulsos do território nacional. Panfletos de divulgação das atividades do Centro de Cultura eram anexados aos processos de expulsão de anarquistas, como no caso do espanhol Gusmão Soller, constituindo uma “prova” de seu crime de subversão. Este panfleto anunciava uma conferência a ser realizada por Soller sobre o fascismo e suas manifestações, que era direcionada aos trabalhadores em geral. Gusmão Soller, em outra ocasião, apresentou conferência sobre os conceitos do psiquiatra Ozório César a respeito da organização comunista na União Soviética (Cópia de boletim do Centro de Culura Social. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. doc. 10, fl. 12, 28/07/1939. DEOPS/SP. AESP).

O Centro de Cultura Social, por suas atividades relacionadas à militância

anarquista, era visto pelas autoridades como uma ameaça política por seu envolvimento com atividades sindicais e mesmo pela propagação de ideias contrárias aos interesses do Estado brasileiro. Sua sede, na rua Quintino Bocaiúva, foi invadida pelas autoridades, como consta em um panfleto da Federação Operária de São Paulo, no qual afirmava-se que o local havia sido arrombado por policiais que teriam cometido “depredações, arrombando a biblioteca, rasgando livros, jornais e papéis” (Panfleto da Federação Operária de São Paulo. 20/051933. Prontuário 716, vol. 3, Federação Operária de São Paulo. fl. 173. DEOPS/SP. AESP).

Durante o Estado Novo, os sindicatos perderam sua autonomia. Os libertários foram críticos com relação a este processo, afastando-se da atuação sindical e intensificando sua ação no campo cultural. Em 1937, durante a repressão do Estado Novo, o Centro de Cultura Social teve suas atividades encerradas.

## **1.2 Segunda fase: de 1945-1969**

Em 1945, com o fim do Estado Novo, o Centro de Cultura Social, já desvinculado de práticas sindicais, retomou as suas atividades. As palestras e peças teatrais continuaram a ser desenvolvidas com o objetivo de fortalecer uma cultura de resistência, de forma a preservar a cultura anarquista.

As palestras deste período dirigiam-se aos meios intelectuais e às classes médias e não mais aos operários. Eram ministrados cursos de esperanto e diversos cursos de “higiene mental”, em parceria com a Universidade Popular Presidente Roosevelt. As práticas desta fase eram essencialmente educativas, com a diminuição da ênfase na temática sindical. Os festivais contavam com apresentações teatrais, musicais, bailes e recitais de poesia, eventos que eram realizados como uma forma de arrecadação de fundos.

De acordo com Endrica Geraldo (1998), as práticas culturais sempre foram vistas entre os anarquistas como uma forma de transformação social:

*A realização de festivais, piqueniques, reuniões, grupos teatrais e conferências eram práticas típicas dos libertários, pois a cultura sempre foi entendida nesse movimento como um instrumento que deveria ser utilizado para a conquista da transformação social que levaria à constituição de uma sociedade anárquica.*(GERALDO, 1998: 188)

Na segunda fase, o Centro de Cultura Social continuava sendo monitorado pela polícia política. Em relatório do investigador José Rochael de Medeiros encontra-se a descrição de uma conferência realizada no dia 21 de fevereiro de 1948, cujo tema eram as Revoluções Francesa, Russa, a República Espanhola de 1936 e outras revoluções ocorridas na Europa. O investigador observou que estavam presentes no local, diversas mulheres e um número expressivo de espanhóis. Na ocasião, Medeiros comprou um jornal libertário argentino chamado *La Obra*, de um anarquista espanhol, que foi anexado ao prontuário (Relatório do investigador José Rochael de Medeiros da Secretaria de Segurança Pública ao Departamento de Ordem Política, São Paulo, 23/02/1948. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. DEOPS/SP. AESP)

Em um informe policial de 1948, o investigador afirmava que o Centro de Cultura Social era composto por antigos membros da corrente anarquista, em sua maioria estrangeiros, e era dirigido por Pedro Catallo, Edgard Leuenroth, Germinal Leuenroth, Lucca Gabriel, Mario dos Santos, Rodolpho Felipe e Amor Salgueiro. Relatava-se que, da conferência realizada dia 30 de outubro de 1948, participaram cerca de 60 pessoas e que nela foi orador Pedro Catallo, que havia voltado de viagem da Argentina e falou sobre a situação política naquele país (Informe do investigador Cardoso do Serviço de Informações, Secretaria da Segurança Pública. São Paulo, 11/12/1948. Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. DEOPS/SP. AESP).

De acordo com Avelino, na década de 60, surgiu no CCS um grupo de jovens que havia estudado em uma escola fundada pelo anarquista Florentino de Carvalho, no bairro de Vila Bertioga, em São Paulo (AVELINO, 2004: 83-84). Esses jovens passaram a frequentar o Centro de Cultura Social e, mais tarde, fizeram parte de seu corpo dirigente. Entre estes jovens estavam Liberto Lemos e os irmãos Jaime e Francisco Cuberos.

Em 1966, foi fundado o *Laboratório de Ensaio*, revigorando as atividades do Centro de Cultura Social. De acordo com Pedro Catallo, em entrevista citada por Nildo Avelino, a inauguração do Laboratório de Ensaio contou com a presença de diversos jovens e aumentou bastante a frequência de público neste período (AVELINO, 2004: 85). Dentre os objetivos do Laboratório estavam reunir e estimular artistas jovens e estabelecer experiências de criação de linguagem artística com papel social.

Neste período, eram também realizadas exposições de pintura. Os artistas, em

geral, eram jovens estudantes vinculados às atividades do Laboratório de Ensaio e tinham o hábito de doar seus trabalhos ao Centro de Cultura Social. (AVELINO, 2004: 86)

Em 1969, em consequência da repressão do regime militar, os membros do Centro de Cultura Social julgaram prudente fechar suas portas.

### **1.3 Terceira fase: de 1985 a nossos dias**

Em 1985, com a reabertura política, o Centro de Cultura Social reiniciou suas atividades. Esta retomada esteve relacionada às discussões surgidas com a publicação do jornal *O Inimigo do Rei*, fundado por estudantes da Universidade Federal da Bahia, que, em pouco tempo, tornou-se o principal meio de divulgação dos anarquistas do Brasil.

Atualmente, o Centro de Cultura Social apresenta atividades como palestras ministradas normalmente por pesquisadores da temática anarquista. Estas palestras abordam temas tais como anti-clericalismo, feminismo, ecologia, memórias de antigos militantes como Edgard Leuenroth e Edgar Rodrigues e marcos históricos do anarquismo no Brasil, como a greve geral de 1917, ocorrida na cidade de São Paulo.

O público que frequenta o Centro é bastante diversificado: antigos militantes anarquistas, jovens universitários, docentes de universidades e membros do movimento anarco-punk. Em comum, estas pessoas têm o interesse pelo anarquismo – como um objeto de estudo e também como filosofia de vida. O Centro de Cultura Social é um local de socialização de diferentes gerações de anarquistas no qual são divulgadas e discutidas recentes pesquisas sobre o tema.

A biblioteca Antônio Martinez conta com aproximadamente 3.000 volumes sobre ciências humanas, grande parte dos quais trata de temas anarquistas. Além de livros, possui publicações periódicas, revistas, folhetos, cartazes e fitas de vídeo. A coleção da biblioteca foi composta a partir de doações feitas por militantes anarquistas. A temática dos livros reflete os interesses dos antigos militantes, que incluíam no acervo assuntos como anarquismo, história dos movimentos sociais, literatura, teatro, entre outros. A biblioteca conta, inclusive, com obras libertárias que dificilmente são encontradas em outras instituições, pois são de publicações de tiragens pequenas.

Dentre as publicações periódicas destacam-se jornais libertários como *O Inimigo do Rei*, publicado em Salvador na década de 80. Dentre os vídeos da coleção destacam-se documentários e ficções de temáticas sociais.

O nome da biblioteca foi atribuído em homenagem ao militante Antônio Martinez, que participou das atividades do Centro de Cultura Social e esteve envolvido com o movimento anarquista desde 14 anos até sua morte, em 1998. Ainda jovem entrou em contato com a Federação Operária de São Paulo e teria participado, em 1934, do confronto na Praça da Sé com integralistas (AVELINO, 2004: 125).

Na década de 60, Antônio Martinez organizou e restaurou o acervo da biblioteca do Centro de Cultura Social. De acordo com Carlos Morel, a biblioteca estava desorganizada em razão de suas constantes mudanças. E, Martinez, durante oito anos organizou o acervo, recuperou documentos, completou e encadernou coleções de periódicos (AVELINO, 2004: 126).

Segundo Edgar Rodrigues, o brasilianista John Foster Dulles com a ajuda do jornalista Hermínio Sacchetta teve acesso ao acervo organizado por Antônio Martinez e fez propostas de compra da documentação. O pesquisador americano acabou não comprando o acervo, mas Germinal Leuenroth, filho do anarquista Edgard Leuenroth vendeu o acervo à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 1973 (RODRIGUES, 2007: 107-108).

## **2. O Centro de Cultura Social e a ação cultural**

O Centro de Cultura Social foi criado e desenvolveu suas atividades antes que os conceitos de centro de cultura e de ação cultural fossem objeto de reflexão entre nós. Já foi apontada a possível influência que o grupo idealizador do CCS pode ter sofrido de práticas sócio-culturais que vinham sendo desenvolvidas, desde o início do século XX, por diferentes instituições em São Paulo. No entanto, estudos teóricos apontam o surgimento de centros de cultura na cidade de São Paulo, somente na década de 80, com o Centro Cultural São Paulo (Vergueiro) e o Centro Cultural Jabaquara.

Milanesi afirma que o interesse por implantar centros de cultura surgiu no Brasil após a criação, na França, do Centre Pompidou, quando o *centro cultural* ou *centro de cultura* passou a ser objeto de interesse da opinião pública (MILANESI, 2003: 12-13).

O Centro de Cultura Social apresenta, em suas práticas e com maior ou menor intensidade nas diferentes fases de sua trajetória, os três verbos que, segundo Milanesi, seriam necessários em uma instituição como esta: “informar, discutir e criar” (MILANESI, 2003: 172).

As ações de *informar* estão voltadas fundamentalmente ao acesso e disseminação da informação, incluindo os serviços prestados por uma biblioteca, ao organizar e disponibilizar seu acervo e orientar o público na sua utilização. No contexto do Centro de Cultura Social, sempre se desenvolveram atividades que visavam oferecer acesso à informação, tais como palestras, cursos e serviços de biblioteca.

Em depoimento, a libertária Maria Martinez Jimenez relatou seus primeiros contatos com o Centro de Cultura Social e como ali conheceu autores censurados na Espanha, sua terra natal:

*Eu conheci o Centro de Cultura Social em 1958 porque meu cunhado Raia, que era de um grupo da CNT [Confederação Nacional do Trabalho] aqui em São Paulo, já frequentava e se juntava com o Centro de Cultura [...] eu gostei muito e aprendi muito. Porque na Espanha eu não conhecia Garcia Lorca e não conhecia nada por que era proibido falar, a literatura de Garcia Lorca você não ouvia nada, era proibido. Naquela época tinha muitas palestras...uma vez ouvi uma conferência do Aristides Lobo, jornalista que eu gostava de ver...quando ele falava esquentava a platéia... (Apud AVELINO, 2004: 117)*

Além de informar, o CCS sempre foi um local de discussão de idéias. *Discutir* era uma prática constante no Centro. Além de ser comum a troca de idéias na convivência do dia-a-dia, após as palestras e as apresentações teatrais sempre se promoviam debates. Pela convivência no CCS, seus frequentadores transformam sua visão de mundo, conforme comprova o relato de Maria Martinez Jimenez:

*Eu me realizei aqui no Brasil, para mim o Brasil foi muito bom, eu aprendi muita coisa no Centro de Cultura. Eu cheguei com a cabeça meio fechada, então quando eu vim para cá foi uma beleza quando eu encontrei o Centro de Cultura e aí eu fiquei sendo uma outra pessoa, eu me libertei de muitas coisas que a gente tinha, como por exemplo, se fosse na Espanha eu nunca teria casado com um homem desquitado, por que a mentalidade de lá era diferente [...] Foi maravilhoso, no Centro de Cultura se discutia muito relacionamento, muitas palestras gostosas pra caramba! (Apud AVELINO, 2004: 117)*

As ações relacionadas ao *criar* desenvolviam-se, particularmente, no Laboratório de Ensaio, inaugurado em 1966, onde foram montadas diversas peças de teatro. Além disso, o espaço também era cedido a outros grupos artísticos. Um dos

principais articuladores do Laboratório foi Francisco Cuberos, que relatou sua experiência :

*A [peça] que eu mais gostei de fazer no Centro não era anarquista, chama-se 'Pense Alto', foi um puta sucesso. Foi na época do Laboratório, que eu dirigi com o Pedro Catallo, foi um período muito fértil ao Centro de Cultura. Eu era secretário geral e diretor artístico, acumulava estas duas funções. No Centro nós íamos de segunda a segunda, toda noite tinha sempre atividade, no sábado e domingo também. Porque o Centro de Cultura no tempo do Laboratório tinha shows, tinha música popular brasileira, estudos sobre pintura, recital de poesia. (Apud AVELINO, 2004: 144)*

Este relato demonstra que o cotidiano do CCS estava permeado por atividades artísticas, que, às vezes, se confundiam com as atividades de informar e discutir, já que os limites entre essas ações são muito tênues. Para Morel, o Centro de Cultura Social é um local de “informação política e informação técnica” (MOREL, 2005: 218).

Milanesi insiste que o processo de desenvolvimento das atividades em um centro de cultura deve ser interativo. As atividades culturais não serão realizadas para as pessoas, mas com elas:

*O que define a face de um centro de Cultura é a relação que se estabelece em seu interior, entre as pessoas, incluindo aí os seus dirigentes. No centro cultural do bairro operário é fundamental que os responsáveis pelas suas atividades estejam integrados naquele universo, conhecendo seus códigos, falando a mesma linguagem. (MILANESI, 2003: 171)*

O Centro de Cultura Social, desde sua fundação, apresenta essa postura, talvez porque seus primeiros dirigentes fossem militantes de movimentos operários e sociais. Pelo que se pode perceber, no CCS, sempre se valorizaram as relações entre seus membros e todos se envolviam profundamente nas atividades.

O Centro de Cultura Social era – e ainda é, embora de forma diversa – local de sociabilidade para os libertários: lá se formaram longas amizades e uniões duradouras. O CCS sempre foi um referencial para o movimento anarquista da cidade de São Paulo: era, na década de 30, o local de discussão das reivindicações sindicais; nas décadas de 50 e 60, foi palco de efervescência cultural e do teatro de arena. Atualmente, além dos militantes já presentes na segunda fase do Centro, nota-se a presença de muitos jovens universitários e de grupos anarco-punks. Os debates de temas libertários são enriquecidos com a apresentação de pesquisas acadêmicas recentes na área de ciências humanas.

Nesse sentido, o conceito de *casa de cultura* apresentado por Teixeira Coelho indica elementos interessantes para o entendimento do Centro de Cultura Social, pois seria “um local de convivência sociocultural e de produção de modos culturais mais visceralmente ligados às comunidades em que se situam” (TEIXEIRA COELHO, 1999: 168).

O CCS também se enquadra na definição de *centro cultural independente*, apresentada por Teixeira Coelho, pois existem alguns pontos de convergência, embora o autor afirme que suas origens estejam em grupos formados na França, no fim dos anos 60. De acordo com o autor, um centro cultural independente seria:

*[...] desvinculado da administração pública e que tampouco se encontra sob o guarda-chuva fixo de alguma empresa ou fundação privada. (...) A orientação destes centros é a mais variável possível, mas sempre marcada por sinais de contestação: abrigam esquerdistas libertários em confronto com as concepções oficiais do marxismo e do comunismo [...]*(TEIXEIRA COELHO, 1999: 89)

Embora o CCS tenha sido criado muito antes do fim da década de 60, ele pode também ser considerado um centro de cultura independente, pois está desvinculado da administração pública e das empresas privadas e é também marcado pela contestação. Outro fator a ser analisado no CCS é a natureza da ação cultural ali praticada. De acordo com Teixeira Coelho, ação cultural seria:

*Conjunto de procedimentos, envolvendo recursos humanos e materiais, que visam pôr em prática os objetivos de uma determinada política cultural. Para efetivar-se, a ação cultural recorre a agentes culturais previamente preparados e leva em conta públicos determinados, procurando fazer uma ponte entre esse público e uma obra de cultura ou arte. A ação cultural pode voltar-se para cada uma das quatro fases, níveis ou circuitos do sistema de produção cultural: produção, distribuição, troca e uso (consumo).* (TEIXEIRA COELHO, 1999: 32)

Almeida relaciona a ação cultural a um processo de educação coletiva, cujo objetivo final seria a emancipação dos indivíduos. Em grupo, os indivíduos poderiam trocar informações, discutir e desenvolver sua capacidade criativa. Esta reflexão destaca a importância do processo na ação cultural em detrimento de seus produtos. Os indivíduos são capazes de emancipar-se a partir de uma atividade coletiva, envolvendo troca de informações e discussão. Almeida afirma que a ação cultural é uma atividade de educação coletiva:

*Busca a expressão e a criatividade dos indivíduos no grupo na comunidade. Está ligada à ideia de transformação, de emancipação a partir da expressão. Diz respeito não apenas a produtos culturais acabados, como também às condições que levam à capacidade criativa, à produção cultural. Relaciona-se, por outro lado, ao processo de educação coletiva, no momento em que desenvolve atividades práticas e em que abre espaço para a troca de informações e a discussão sobre temas de interesse do grupo. É a educação lato sensu, paradoxalmente anti-escola. (ALMEIDA, 1987: 33)*

Para Almeida, a ação cultural pode estar presente em diferentes contextos, podendo ser realizada na biblioteca, mas não necessariamente. Seu início ocorre a partir de um estímulo determinado, mas não se limita a ele, se expande, fugindo ao controle de quem a deflagra. (ALMEIDA, 1987)

Deste ponto de vista, o CCS é um espaço onde está presente a ação cultural: a educação coletiva, a troca de informações e a discussão são elementos constantes em sua trajetória. Desde a década de 30, a educação para a emancipação é um dos objetivos do CCS, o que pode ser observado através das leituras comentadas, palestrantes, cursos e debates. O CCS também não tinha controle da ação cultural deflagrada: suas atividades, muitas vezes, extrapolavam as paredes de sua sede.

A ação cultural é definida como uma proposta em grupo, para que este encontre seus próprios meios e fins. Deste processo participam o público e os agentes culturais envolvidos. Sua finalidade não é o simples entretenimento, mas uma atividade que transforme, sem as imposições de um dirigismo:

*Ação é algo que se faz com, ao lado de [...] é a contínua descoberta, o reexame constante, a reelaboração: a vida [...] com a ação, nada de “fazer cabeças”. Tampouco “passar o tempo”. A ação cultural é uma aposta conjunta. Aposta-se que o grupo se descobrirá, descobrirá seus fins e seus meios. Em cultura é a única coisa que importa, a única que permanece, a única a firmar raízes. Aposta que tem que ser refeita a todo instante, diante da tentação de cair no dirigismo. Mas, a única que vale a pena. (TEIXEIRA COELHO, 1986: 100)*

Considerando-se a definição de Teixeira Coelho de ação cultural, podem-se ainda encontrar algumas convergências com as práticas no Centro de Cultura Social. As atividades do CCS promovem entre seus organizadores e frequentadores constantes descobertas que são realizadas em conjunto. Como na criação do Laboratório de Ensaio, em 1966, do qual surgiram inúmeras peças de teatro e exposições de arte.

Teixeira Coelho, no entanto, critica o envolvimento de questões políticas com ação cultural, segundo ele:

*[...]o despertar da consciência política é algo que cabe melhor no programa de atuação de um partido político propriamente dito. Transportar este objetivo para a ação cultural pode prejudicar tanto o projeto político quanto o cultural [...] Existe uma especificidade do processo cultural que não pode ser atendida pelos mecanismos da prática política, e uma das consequências disso é que o processo cultural vai sempre e necessariamente além, muito além do projeto político [...]* (TEIXEIRA COELHO, 2001: 44-45)

Embora as atividades do Centro de Cultura Social tenham um cunho inegavelmente político, as discussões que lá ocorrem transcendem este aspecto, passando por questões de arte, educação, etc. Os próprios membros do CCS assumem, em geral, uma postura contrária ao dirigismo político. Isto pode ser observado no relato de Francisco Cuberos que descreve sua curta passagem pelo Partido Comunista Brasileiro:

*[...] eu fiquei um mês nesta célula comunista da Mooca, e saíamos numa madrugada não sei se para pedir a constituinte naquela época, e eu comecei... aí um cara me falou assim: 'Não pode, porra... palavra de ordem...não pode! Não pode fazer isto!', era para pichar não sei o quê. Aí falei: 'Como não pode?' Aí quando eu fui à noite lá que tinha uma discussão no PC, disseram: 'Você não pode ser membro do Partido, eu não posso e não quero! Porra. Que o Partido quer saber agora de mim, com quem eu ando, o que eu faço porra! E xinguei lá... 'eu não posso e não quero também! [...] e me desliguei completamente. Não é que fui expulso, eu expulsei o Partido da minha vida!* (Apud AVELINO, 2004: 121)

Difícilmente os organizadores e frequentadores do Centro de Cultura Social deixar-se-iam levar por dogmas políticos ou dirigismo cultural. Conclui-se, que as atividades realizadas no CCS podem ser caracterizadas como ação cultural, embora estejam também relacionadas a escolhas políticas. Ao contrário do que afirma Teixeira Coelho, o envolvimento político em um centro de cultura não necessariamente empobrece a ação cultural praticada.

### **Considerações finais**

Em sua primeira fase, que vai de 1933 a 1937, o Centro de Cultura Social esteve intimamente relacionado ao movimento anarco-sindicalista, à Federação Operária de São Paulo e ao jornal *A Plebe*. O perfil de seus frequentadores foi-se modificando em função do contexto sócio-político do país e das transformações pelas quais passou o

próprio movimento anarquista no âmbito internacional, particularmente na América Latina. Na segunda fase do CCS, marcada por sua reabertura, em 1985, em decorrência do movimento de abertura política do país, antigos militantes como os irmãos Cuberos mantiveram sua atuação.

A incorporação do Arquivo Edgard Leuenroth pela UNICAMP favoreceu o surgimento de estudos acadêmicos sobre o movimento operário, o comunismo e o anarquismo no Brasil. A partir da década de 90, com a abertura dos arquivos do antigo DEOPS/SP, os trabalhos sobre anarquismo tomaram novo impulso, tendo sido comprovada a atuação dos libertários mesmo após a fundação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922.

Uma questão abordada neste trabalho foi a reflexão sobre a existência de ação cultural no Centro de Cultura Social. Para isto foram usados conceitos de centro de cultura e de ação cultural presentes na literatura. Constatou-se, pela natureza das atividades realizadas no Centro de Cultura Social, que este é um local no qual a ação cultural está presente. Nas três fases da existência do CCS algumas práticas permanecem as mesmas, tais como a realização de palestras, debates e leituras dramáticas. A temática libertária também permanece como um elemento constante. Analisando conceitos de instituições culturais, percebe-se que o Centro de Cultura Social aproxima-se mais de um centro cultural independente embora tenha surgido muito antes dos anos 60. O Centro de Cultura Social pode ser considerado um modelo alternativo de centro de cultura, escapando aos modelos já identificados pela literatura na área.

## **Bibliografia**

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.20 n.1/4, p. 31-38, jan./dez., 1987.

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves; OLIVEIRA, Valéria Garcia de. *Cultura amordaçada: intelectuais e músicos sob a vigilância do DEOPS*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2002.

AVELINO, Nildo. *Anarquistas: ética e antologia de existências*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

BARRANCOS, Dora. As leituras comentadas: um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914 e 1930. *Cadernos AEL – anarquismo e anarquistas*, Campinas, n. 8/9, p. 151-161, 1998.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 5. ed. São Paulo: IMESP, 2004. v.1

GERALDO, Endrica, Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo 1933-1935 e 1947-1951. *Cadernos AEL - anarquismo e anarquistas*, Campinas, n. 8/9, p. 165-192, 1998.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* Memória operária, cultura literatura no Brasil. 3.ed. São Paulo: Unesp, 2002.

MILANESI, Luís. *A casa da invenção: biblioteca e centro de cultura*. 4. ed rev. e ampl. São Paulo: Ateliê, 2003.

MOREL, José Carlos (entrevista). Centro de Cultura Social, uma prática anarquista. *Verve*, São Paulo, n. 7, p. 209-223, maio, 2005.

RODRIGUES, Edgar. *Lembranças incompletas*. Guarujá: Opúsculo Libertário, 2007.

SALÃO das Classes Laboriosas. Histórico.<  
<http://www.classeslaboriosas.com.br/modules.php?name=Conteudo&pid=1>> , c2010 . Acessado em 15/03/2011

TEIXEIRA COELHO, José. *Usos da cultura: políticas de ação cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2001

### **Prontuários DEOPS/SP – Arquivo do Estado de São Paulo**

Centro de Cultura Social, 1914

Federação Operária de São Paulo, 716 ( 4vols.)